

OS DISCURSOS DE (RE) EXISTÊNCIA E EMPODERAMENTO NOS ESPAÇOS VIRTUAIS DE MULHERES VÍTIMAS DE IMPORTUNAÇÃO SEXUAL

Alexandre Antonio de Amorim Filho¹

RESUMO

Com o surgimento e a expansão do Movimento Social Feminista, a voz feminina torna-se uma voz de resistência. Resistência contra a opressão, resistência contra a sujeição e resistência contra a dominação masculina. Entendendo a importância do discurso e da linguagem enquanto possíveis elementos de mudança social desse *status quo*, este estudo investigou a influência dos coletivos feministas digitais, em destaque para o *Think Olga*, no posicionamento das mulheres e na (re)construção das suas identidades femininas enquanto vítimas de práticas de violência simbólica (BOURDIEU, 2015). Como aporte teórico da pesquisa, o trabalho fundamenta-se na Análise Crítica do Discurso (ACD), a partir do diálogo transdisciplinar entre a Teoria Social do Discurso, por Fairclough (2001), os Estudos Culturais (HALL, 2015) e a Teoria Feminista (HOLLANDA, 2018). Como resultado das análises, observamos as mulheres como sujeitos sociais cada vez menos passivos diante das transformações econômicas, políticas e culturais que constroem e reconstróem identidades sociais femininas no mundo interconectado.

Palavras-chave: Análise Crítica do Discurso, Feminismo, Think Olga.

INTRODUÇÃO

A identidade social da mulher foi, ao longo dos séculos, sendo construída e interpretada sob os paradigmas patriarcais, responsáveis por moldar desde as relações de gênero como atribuir valores sociais a partir de indicadores como classe, sexualidade e etnia. Se, por muito tempo, esses fatores foram primordiais para determinar identidades e justificar certos padrões culturais, com a chegada da modernidade e dos estudos culturais (HALL, 2015) esse quadro social passa a sofrer mudanças estruturais em que as ‘velhas identidades’ entram em declínio para dar lugar a um novo posicionamento político em que grupos minoritários passam a ter ‘vez’ e ‘voz’ na contemporaneidade.

Defendendo o enfraquecimento da classe política e burocrática através da mobilização e da contestação social, esses movimentos foram responsáveis por incorporar a chamada ‘política de identidade’, responsável por segmentar os diversos grupos sociais através das identidades sociais de seus participantes. Dessa forma, para Hall (2015), os movimentos sociais puderam ter as suas próprias bandeiras e lutas, possibilitando que comunidades marginalizadas como mulheres, negros e homossexuais pudessem almejar espaço.

¹ Mestre em Ciências da Linguagem, pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) e graduando em Letras – Português na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, pqalexandre@hotmail.com

Para Hall (2015), o feminismo, enquanto movimento social e crítica teórica, ganha força na modernidade tardia, por volta dos anos 1960, em um momento histórico de grande efervescência cultural, marcado pelo aparecimento de movimentos juvenis contraculturais que se opunham tanto ao sistema capitalista ocidental quanto à social e política estalinista.

Com a expansão do Movimento Social Feminista (HOLLANDA, 2018), a voz feminina torna-se uma voz de resistência. Resistência contra a opressão, a sujeição e a dominação masculina. Entendendo a importância do discurso e da linguagem enquanto possíveis elementos de mudança social desse *status quo*, este estudo investigou a influência dos coletivos feministas digitais, em destaque para o *Think Olga*, no posicionamento das mulheres e na (re) construção das suas identidades femininas, enquanto vítimas de práticas de violência simbólica (BOURDIEU, 2015), através dos discursos compartilhados pelas vítimas para a campanha virtual *Chega de Fiu Fiu*.

Criado pela jornalista Juliana de Faria, o *Think Olga* é uma Organização Não-Governamental que visa, dentre os demais objetivos, empoderar as mulheres por meio da informação, por meio de um conteúdo em prol dos direitos femininos, através de artigos, cartilhas informativas, podcastings, e / ou até campanhas, como é o *Chega de Fiu Fiu* (THINK OLGA, 2014).



Imagem 1: Campanha Chega de Fiu Fiu

Com o objetivo de ‘empoderar mulheres por meio da informação’, o Think Olga torna-se um contraponto ao quebrar a homogeneidade da mídia tradicional (televisão, rádio, jornal), ao possibilitar uma mudança discursiva por expor e denunciar o machismo e o patriarcalismo na (re) produção da sociedade pós-moderna. De tal forma que, como propõe Fairclough (2001), a mudança no(s) discurso(s) tem repercussões não apenas no cenário cultural, mas principalmente para a transformação social.

Em um contexto sócio-político em que o movimento social feminista galga cada vez mais espaço nas mídias digitais, é importante focalizar na nossa investigação a questão de como os depoimentos representam as construções identitárias das mulheres assediadas, procurando observar o seu comportamento social enquanto um indivíduo, que historicamente sofreu repressões, em contato com o feminismo.

Assim, ao fazer conexões com as particularidades da vida social e do discurso, nos mais diversos contextos, a Análise Crítica do Discurso (ACD) desponta como uma ciência crítica, capaz de identificar problemas e desenvolver artifícios para superá-los, através de uma proposta de estudo alinhada com os eventos contemporâneos. A ACD possibilita uma investigação científica que assume um papel político de combate à violência de gênero, permitindo ao analista do discurso desvelar estruturas inerentes às representações sociais, além de ‘dar voz’ às minorias sociais, como homossexuais, negros e mulheres, este último como foco do nosso trabalho.

METODOLOGIA

Esta seção contempla os procedimentos metodológicos utilizados para a análise do *corpus* da pesquisa, composto pelos depoimentos das mulheres vítimas de assédio sexual encontrados no site oficial do coletivo Think Olga (*thinkolga.com*), mais especificamente da seção da campanha Chega de Fiu Fiu.

Para uma melhor interpretação dos dados, adotaremos uma abordagem de análise interpretativa, de natureza qualitativa, a partir dos casos de assédio nos espaços públicos com enfoque nas identidades sociais das mulheres vítimas. Ao compreender o discurso como prática social, a ACD desponta com uma abordagem teórico-metodológica de investigação linguístico-discursiva, capaz de examinar criticamente o(s) posicionamento(s) das mulheres diante de práticas de dominação masculina e exploração do corpo feminino, como também da

possibilidade de estabelecer um diálogo transdisciplinar com outras perspectivas teóricas como, por exemplo, a questão da identidade social e a teoria feminista.

Para a análise do *corpus* restrito, composto por 26 relatos retirados do site oficial do *Think Olga*, recorreremos ao Modelo Tridimensional do Discurso, de Fairclough (2001), observando os discursos das mulheres a partir de questões como a intertextualidade, o poder, e a hegemonia. Por questões didáticas, com o propósito de abranger os diferentes posicionamentos, dividiu-se a análise em três momentos: *i. A objetificação do corpo feminino; ii. A culpabilização da vítima e iii. A emancipação da(s) mulher(es)*. A escolha por essa divisão encontra-se respaldada na tentativa de dialogar a temática do assédio, através pautas trabalhadas dentro do movimento feminista, com a Análise Crítica do Discurso, desvelando não apenas o machismo endêmico e estrutural vigente na sociedade brasileira, mas enxergando nos discursos das mulheres uma possibilidade de enfretamento dessas opressões.

DESENVOLVIMENTO

Desde a Grécia Antiga, como explana Beard (2018), a divisão entre os espaços privados e os públicos tem origem com a distinção entre a criação das *pólis* (destinada aos homens) e a *oikos* (o espaço doméstico destinado às mulheres). Nessa conjuntura, enquanto que ao gênero homem o poder de fala era permitido, predominava a abominação da presença e do discurso feminino no espaço público grego, o que corrobora para entender como o silenciamento feminino é uma prática de tradição milenar.

Segundo Beard (2018, p. 28-29), “discursar publicamente era uma – se não a – característica que definia a masculinidade. [...] Na maioria das circunstâncias, uma mulher que falasse em público não era, por definição, uma mulher”, já que a condição de mulher que se tinha era daquela que se calava perante os homens e, principalmente, ao marido. A oratória feminina, portanto, não fazia parte da tradição e as únicas circunstâncias em que a voz da mulher era permitida, já que só cabia aos homens esse direito na esfera pública, os únicos momentos em que lhe era permitido a possibilidade de fala feminina eram em casos de denunciar o estupro, anunciar o próprio suicídio ou em ocasiões para defender o seu lar, ou seja, sempre ligada ao seu corpo e aos aspectos domésticos e familiares.

Encontramos, portanto, uma prática em que discurso de autoridade falada foi sendo associado historicamente ao gênero masculino. Logo, fica clara a importância do espaço público enquanto lugar de fala e posse de poder. A questão, no entanto, está em quem tem

posse desse poder. Ao assumirmos que existe uma dicotomia entre esfera privada e esfera pública, a tendência é a criação historicamente de mecanismos culturais e ideológicos em que uns terão a possibilidade de ‘voz’ ativa, enquanto que outros são privados desses direitos – como é o caso das mulheres.

Nesse sentido, fará a discussão sobre o processo de historização dos papéis sociais, de como os corpos e as mentes são moldados aos interesses dominantes onde, segundo Bourdieu (2017), essas instâncias sociais não apenas (re)produzem valores patriarcais como explicitam valores condizentes com a hierarquia entre os gêneros, de tal forma que

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (*esse*) é um ser percebido (percipi) tem por efeito coloca-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam “femininas”, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas (BOURDIEU, 2017, p. 96, GRIFOS DO AUTOR).

A reverberação se apresenta na forma como as meninas são criadas, na forma como devem se comportar, nas roupas que devem usar, colocando o corpo feminino em estado de ‘ordem’. A violência simbólica está até na roupa que lhe é permitida usar, nos adjetivos que lhe são direcionados.

Ao considerar o contexto como um dos elementos intrínsecos à análise, adota uma abordagem transdisciplinar, possibilitando o diálogo entre os estudos das Ciências da Linguagem com outras áreas do saber, como as ciências políticas e a educação, a linguagem passa a ser analisada de acordo com as funções sociais e determinados contextos de usos no dia a dia. Assim, para Fairclough (2001), ao fazer conexões com as particularidades da vida social e do discurso, nos mais diversos contextos, a ACD possibilita identificar problemas e desenvolver artifícios para superá-los, através de uma proposta de estudo alinhada com os eventos contemporâneos.

Para Magalhães (2005), embora seja uma abordagem linguística contemporânea (a partir de meados da década de 1980), a Análise Crítica do Discurso, doravante ACD, é reflexo de uma série de transformações nos estudos linguísticos que tem início desde os anos de 1970, com o surgimento da Linguística Crítica (LC), um método que tentava unir a análise linguística textual com uma teoria social do funcionamento da linguagem em processos políticos e ideológicos (FAIRCLOUGH, 2001). Contudo, diferente da L.C. que “negligencia tanto o discurso como domínio em que se realizam as lutas sócias, como a mudança no discurso, uma dimensão da mudança social e cultural mais ampla” (Op.cit, p. 50), a ACD

proporciona um campo de investigação mais denunciante em que as problemáticas sociais são desnaturalizadas e combatidas através de um olhar contra hegemônico.

Contrária aos paradigmas formais e acríticos, a Análise Crítica do Discurso desponta como um aporte teórico que vai além da análise da linguagem enquanto estrutura, mas sim considerando o papel crucial do contexto e das relações sociais. Por isso que essa abordagem de estudo da linguagem é entendida através de uma perspectiva dialética, atravessada pela reprodução da realidade social, em que o viés positivista perde espaço para o fortalecimento de uma perspectiva que “concebe a linguagem como prática social e o contexto como elemento crucial” (VIEIRA; MACEDO, 2018, p. 65).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sob a perspectiva do movimento feminista e da ACD, esse trabalho desvela, através das vozes femininas, um panorama que é pungente para as minorias sociais. Por meio de uma reflexão crítica, social e discursiva, encontra-se um complexo sistema de exploração e violação dos direitos e do corpo feminino. Os relatos refletem problemas psicológicos que passam a fazer parte da vida cotidiana dessas mulheres, das mudanças que, após sofrerem abuso, elas passam a sentir. Mudanças no comportamento, a sensação de ‘se fechar para o mundo’, ficar mais descrente da vida, mais triste, incomodada, infeliz, baixa autoestima, preocupação constante, solidão – sem ter com quem contar, já que nem com os familiares existe espaço para o diálogo e entendimento.

Durante as suas narrativas, muitas das garotas reproduziram no seu discurso a fala dos homens que lhe assediaram, acontecendo desde a forma indireta (através do discurso indireto) como também de forma marcada através das aspas, como é o caso do discurso direto. Mesmo que o nosso objeto de estudo seja os discursos das mulheres vítimas de assédio, fica evidente que essas vozes ainda não são protagonistas da sua própria história. Embora estejam cada vez mais conscientes do sistema que as oprime, ainda é presente a força e a presença masculina na fala delas, no poder deles em desequilibrar o emocional das vítimas.

Outro ponto que fica evidente é a presença também de outra voz feminina dentro do discurso. Se nos casos anteriores era a fala masculina que trazia preconceitos, difamações e até uso de termos pejorativos proferidos às vítimas, nesse momento, o machismo novamente

aparece, só que através do ponto de vistas que outras mulheres têm sobre o(s) evento(s) de assédio.

A partir dessa afirmação, ela (re) lembra casos em que o seu direito de ir e vir nos espaços urbanos foi desrespeitado e quando a sua existência social esteve resumida ao seu corpo. Corpo esse que é objetificado, tanto numa escala macro, por um grande número de pessoas (“obra lotada de homens que às vezes gritam algo do alto do prédio em construção”), ou como numa escala micro, envolvendo um só homem (“comecei a perceber que o cara ao lado sussurrava algo”), demonstrando que, independente do quantitativo de homens, o assédio está presente em várias situações sociais.

Os relatos evocam sofrimentos e angústias, mas também coragem, a autodescoberta e solidariedade fazem parte da mudança. Ela subverte a representação de uma mulher frágil para alguém que (re) conhece os seus direitos. Observamos, a(s) mulher (es) como sujeitos cada vez menos passivo(s) diante das transformações econômicas, políticas e culturais que constroem e reconstroem identidades sociais femininas no mundo globalizado.

A partir dessas análises, podemos fazer algumas inferências que ajudam a entender a força ou não desses conjuntos de efeitos dessas violências tanto no corpo das mulheres quanto no seu depoimento ao site do Think Olga, mas também dos lugares sociais em que esse(s) sujeito(s) ocupam no mundo. Nesses casos, a noção de lugar de fala não é um inequívoco, mas um instrumento necessário na constituição das lutas dos sujeitos subalternos, possibilitando entender a condição dos oprimidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dias atuais torna-se cada vez mais relevante para os Estudos Culturais e para a Análise Crítica do Discurso o debate em torno do assédio nos espaços públicos, já que são nesse cenário contemporâneo que a identidade feminina é construída e reconstruída frente os casos de violência e machismo contra o corpo das mulheres. Nosso papel como analistas do discurso de viés crítico é trazer para o cenário acadêmico um fenômeno contemporâneo que, por vezes, ainda não é bem explorado na esfera da ciência linguística, sendo mais restritivo às ciências sociais e humanas.

As histórias revelam nexos entre si, em que cada vítima apresenta uma engrenagem, dentre tantas violências simbólicas, que ajuda a esmiuçar os mecanismos inerentes à presença feminina na esfera pública. O que mostra que apesar de todas as medidas progressistas e de

mudança social, ainda persiste um sentimento de continuidade de certas tradições de teor machistas, salientando que não apenas por parte dos homens assediadores como também por uma parcela das mulheres. Formando assim, um retrato contundente de uma sociedade que (re) força para os excluídos a sua própria alienação.

Como resultado das análises, observamos as mulheres como sujeitos sociais cada vez menos passivos diante das transformações econômicas, políticas e culturais que constroem e reconstroem identidades sociais femininas no mundo interconectado. Pensar o discurso dessas mulheres como identidades ‘empoderadas’ desponta como uma perspectiva de contraponto ao regime patriarcal vigente, além de simbolizar uma mudança tanto discursiva quanto prática de (re) existência nos espaços públicos. Dessa forma, a pesquisa expõe desigualdades de gênero mais também contribui para a continuidade de reflexões e práticas de transformação social, tanto no meio acadêmico como na esfera pública.

REFERÊNCIAS

BEARD, Mary. *A voz pública das mulheres*. In: **Mulheres e poder**: um manifesto. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. 4. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão Feminista**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018.

MAGALHÃES, Izabel. Introdução: a análise de discurso crítica. In: **D.E.L.T.A.** [online]. 2005, vol.21, n.spe, pp. 1-9.



THINK OLGA. **Meu corpo não é seu**: desvendando a violência contra a mulher. São Paulo: Breve Companhia, 2014. E-book. ISBN 978-85-438-0063-9.